

Donne - Soneto Sagrado XIV

Afonso Teixeira Filho

Soneto Sagrado XIV

John Donne

Batter my heart, three person'd God; for, you
As yet but knocke, breathe, shine, and seeke to mend;
That I may rise, and stand, o'erthrow mee, 'and bend
Your force, to breake, blowe, burn and make me new.
I, like an usurt towne, to'another due,
Labour to'admit you, but Oh, to no end,
Reason your viceroy in mee, mee should defend,
But is captiv'd, and proves weake or untrue.
Yet dearely I love you, and would be loved faine,
But am betroth'd unto your enemie:
Divorce mee, untie, or breake that knot againe,
Take mee to you, imprison mee, for I
 Except you'enthral mee, never shall be free,
 Nor ever chaste, except you ravish mee.

Tradução literal:

Sova meu coração, Deus de trina pessoa; para
Ainda bater, soprar, brilhar, e procurar consertá-lo;
Para que eu possa levantar-me e ficar em pé, derruba-me, e curva
Tua força, para quebrar, soprar, queimar e fazer-me novo.
Eu, como uma cidade usurpada, a um outro devida,

TEIXEIRA F., Afonso. *Donne - Soneto Sagrado XIV.*

Labuto por aceitar-te, mas, Oh, em vão;
A Razão, teu vice-rei em mim, deve defender-me,
Mas é cativa, e denota fraqueza e falsidade.
Contudo, amo-te devotadamente, e gostaria de ser amado,
Mas comprometido (noivo) estou de teu inimigo:
Divorcia-me, desata, ou rompe aquele nó de novo,
Leva-me contigo, aprisiona-me, pois eu
Nunca serei livre, a menos que me catives,
Nem nunca (serei) casto, a menos que me violentes.

I

O poeta propõe ser castigado por Deus, para que este o torne mais fiel. A violência, com a qual pede para ser castigado, demonstra o quão grande é a sua fraqueza. O vocabulário usado denota uma sensualidade, uma tentação que só encontra remédio em ser por Deus “violentado”.

Em uma tradução deste poema levamos em consideração alguns aspectos:

Primeiro, a transposição dos termos que revelam tal violência e sensualidade. Todavia, percebemos que a separação dos termos por vírgulas é um recurso usado pelo autor para dar a impressão da tortura, a repetição do sofrimento: “Sova”, “bater”, “soprar”, “brilhar”, “deruba-me”, “curva”, etc., ocasionando uma enorme dificuldade para o tradutor, pois os verbos usados, na maioria dos casos, são monossílabos em inglês. Para traduzi-los todos, obteríamos como resultado um verso muito longo.

Em segundo lugar, sabemos que a musicalidade das duas línguas são diferentes. Na língua portuguesa as palavras têm mais sílabas, mais vogais sonoras e, conseqüentemente, menos palavras. Assim, os versos nesta língua deverão ter um ritmo bem menos marcado que em inglês com os seus monossílabos. Havendo mais vogais, será mais fácil compor as assonâncias; por outro lado, no caso da língua inglesa, com mais palavras, mais consoantes, fica mais fácil construir as aliteraões; porém, estas deverão ser usadas distintamente em por-

tuguês, pois não se trata apenas de reproduzi-las, mas enquadrá-las no ritmo próprio da língua e do poema já traduzido.

Levamos em consideração, também, que a forma do soneto inglês, com os dois últimos versos rimando entre si, é diferente da do italiano, inventado por Petrarca. Na nossa língua, o soneto foi introduzido durante a Renascença e tem a mesma forma do italiano, com quatro estrofes: duas quadras e dois tercetos. A proximidade sonora das duas línguas latinas facilitou a divulgação dessa forma.

Adotamos, em seguida, um procedimento: o de encontrar um poeta correspondente a John Donne na literatura de língua portuguesa, acostumar-se com o seu vocabulário, com os ornamentos por ele utilizados, figuras de linguagem, de estilo, etc., sua musicalidade e outras características impostas pela sua época e escola literária.

Ao nos debruçarmos sobre estes problemas ocorreu-nos uma dúvida: tratar o assunto na linguagem do poeta que escreveu o poema original, ou do poeta adotado como paradigma? Se escolhido o primeiro, para que traduzir? A língua matriz do poema foi, mais que o assunto, a grande inspiração do poema. A tradução de um poema vale menos para o conhecimento de um determinado poeta do que para o enriquecimento da língua para onde a sua poesia foi transportada.

II

Em se tratando de um ensaio, fez-se necessário usar um procedimento novo para a tradução do *Soneto Sagrado XIV* de John Donne.

Primeiro, destruiu-se todo o poema, aproveitando dele as suas imagens, o seu sentido; a sua linguagem violenta diluiu-se na linguagem de seu paradigma, devido à utilização do soneto italiano. O paradigma encontrado foi o melhor dos escritores de poesia sacra do Brasil: Gregório de Matos. A linguagem usada foi a de Gregório e não a de Donne.

O estilo foi o do barroco. Considerando Donne como um poeta metafísico do início do século XVII, a escola mais próxima à dele seria o barroco.

TEIXEIRA F^o., Afonso. *Donne - Soneto Sagrado XIV.*

Para uma análise mais aprofundada do problema, propusemos a discussão de três traduções feitas para o português desse soneto:

Aíla de Oliveira Gomes

Malha-me o coração, Deus trino, que até então
Só bates, sopras, lustras, remendas-me todo;
P'ra que eu me erga em pé, atira-me ao chão,
Quebra-me, calca-me, queima-me, faz-me novo.
Eu, como uma fortaleza usurpada, em vão
Luto por receber-te, e apelar nem ousou
Ao teu vice-rei em mim, que é a minha Razão:
Cativa, fraca, ela me serve só de estorvo.
Mas com teu inimigo estou comprometido,
Eu, que te amo tanto, e anseio pelo amor teu:
Divorcia-me, rompe este nó repellido,
Toma-me contigo, prende-me a ti, que eu
Só se tu me escravizas, serei libertado,
E casto só serei se por ti violentado.

Alguns problemas com essa tradução devem ser mencionados, a título de exemplo:

A utilização dos seguintes termos: "Deus trino", "eu me erga em pé", "pelo amor teu", "calca-me", "lustrar" e o uso do pronome pessoal *tu* para Deus (uma vez que, em inglês só se usa o *vós - you*) são, para nós, péssimas escolhas; outras, nos pareceram deficientes: "malhar", "luto por receber-te" (a palavra *labour* significa labutar, mais abrangente que lutar); "remendas-me" (e não ao meu coração); algumas substituições são fracas: "remendar", "fortaleza", "ao teu vice-rei" (em vez de *conceba teu vice-rei em mim*, que remete melhor à idéia do estupro), "estorvo"; algumas escolhas, todavia, acreditamos boas: "toma-me contigo" (se relacionando com a idéia do contato sexual); "que eu me erga" (substitui duas palavras: levantar e ficar em pé).

Para nós, os melhores passos desta tradução foram os seguintes: mantém a violência do texto original e não foge muito do vocabulário; é bastante fiel, na medida do possível, e encontra algumas boas soluções para determinadas passagens.

Mas consideramos como aspectos negativos o fato de o texto resultante da tradução possuir um ritmo muito diversificado; nem parece poesia; é feio, truncado pela manutenção das vírgulas e tentativa de manter o mesmo número de verbos; algumas escolhas são terríveis, como visto acima; mantém o soneto inglês; o poema não flui, não tem musicalidade; tem rimas bastante óbvias; usa o verso alexandrino, que não se adapta ao português clássico, e o faz para não perder palavras e facilitar a tradução, embora o original tenha versos decassílabos. Por outro lado um poeta clássico ou um barroco jamais rimaria *todo*, *ousa* e *estorvo*, ou usaria o sistema de rimas (A-B-A-B) em um soneto.

Afonso Félix de Sousa

Malhai meu coração, malhai, Trindade Santa;
Se o bateis e sopráis, luzindo ele se emenda;
Que me erga ao me abaterdes, vossa força me renda,
Quebre e queime o que sou – e outro em mim se levanta.
Qual cidade usurpada e de outros dependente,
Luto por admitir-vos, mas oh!, sem resultado;
A razão, deus em mim, a que amparar-me é dado,
Ela é uma cativa, e além de fraca, mente.
Eu vos amo e, feliz, também seria amado,
Mas a vosso inimigo une-me um fatal laço;
Livrai-me desse nó, que seja desmanchado,
Tomai-me para vós, predeí-me no regaço,
Pois livre só serei se vós me escravizardes,
E casto só serei se vós me violentardes.

TEIXEIRA F., Afonso. *Donne - Soneto Sagrado XIV.*

Nessa tradução, reaparecem vários problemas já mencionados na anterior, mas o mais significativo é a insistência no uso do alexandrino. Ficou feia a passagem "une-me um fatal laço". As rimas do segundo quarteto são diferentes das do primeiro. A palavra "regaço" é horrível. O terceiro verso e o sexto têm treze sílabas. Algumas coisas são, no entanto, positivas: há mais musicalidade aqui que na anterior, há também bastante fidelidade e Deus é tratado por vós, como manda a nossa língua.

Paulo Vizioli

Deus de trina pessoa, a esta alma sova;
Brilhe e pulse por ti meu coração;
Para me erguer, me abate; e sem perdão
Me corta, queima, quebra e me renova.
Meu esforço o sucesso não comprova,
E, praça de outrem, sofro usurpação;
Teu fraco vice-rei, minha razão,
Caiu ou não me ampara nesta prova.

Mas te amo, e teu amor desejo só;
Porém, uni-me ao inimigo teu.
Divorcia-me, rompe aquele nó,
Toma-me agora, me aprisiona, que eu
Sou livre só quando a teus pés me arrasto,
Só quando me violas eu sou casto.

A única tradução em decassílabos tem problemas e algumas soluções são sofríveis: "alma sova", "praça de outrem", "me violas". É porém a tradução mais livre e encontra boas soluções como: "Me corta, queima, quebra e me renova". (musical, com aliterações e, sem prejuízos, diminui a extensão do verso).

III

A nossa tradução teve por método abrandar a violência de uma entrega, tão abrupta a Deus (que é representada não apenas pelo vocabulário, mas pela marcação do ritmo dada pelos monossílabos e pelo excesso de verbos) para uma devoção mais suave, mais vagarosa, menos violenta (que se adapta mais ao ritmo da poesia religiosa em nosso idioma; que se adapta mais ao tipo de devoção católica e àquela que encontramos em Gregório de Matos; que se adapta mais à disposição silábica da língua portuguesa e ao soneto italiano).

Afonso Teixeira Filho

Divino Deus, de trina santidade,
Fazei sofrer, Senhor, meu coração;
Ao destruir-me encontro meu perdão,
Ao refazer-me encontro novidade.

Qual tirano no cerco a uma cidade,
Eu luto pela vossa usurpação.
Não concebo o domínio da Razão
E nela, predomínio da verdade.

Se em vosso oposto sou comprometido,
Em vosso amor procuro ser amado,
Que o mesmo laço que me tem detido,

Liberto fez de mim ao vosso lado.
Livre serei, se for em vós perdido
E puro, se por vós violentado.

Se esta versão se parece com aquilo que se chama imitação, deve-se, esta impressão, à primeira estrofe, que teve de ser reformulada para que lhe fosse retirado o grande número de verbos que não eram essen-

TEIXEIRA F^o., Afonso. *Donne - Soneto Sagrado XIV*.

ciais e que foram usados mais para alongar o verso e dar um ritmo mais duro, mais violento ao soneto, mas que na nova proposta não se enquadra.

No primeiro verso, encontramos “Deus de trina pessoa”, que não queríamos usar, mas que foi mantido como “trina santidade” por já ter sido usado pelo próprio Gregório de Matos.

Os verbos “sovar”, “bater”, “soprar”, “brilhar” foram substituídos todos por um só: “sofrer”; os verbos “quebrar”, “soprar” e “queimar”, por “destruir”; e “consertar” e “fazer-me novo”, por “refazer-me”. A palavra “perdão” foi acrescentada. O objetivo dessas escolhas foi o de diminuir o tamanho do verso, mantendo o significado dos versos. O prejuízo que houve veio da noção do original, que é não apenas a de sofrer e destruir para refazer, mas bater, sovar, como se fosse a uma massa, aludindo à massa primordial da qual foi feita Adão no mito bíblico.

Foi usado por todo o soneto o conceito barroco de oposição: “destruir” e “refazer”, “laço” e “liberto”, “livre” e “perdido” e “puro” e “violentado”. Existe um quiasmo entre os versos:

“Que o mesmo laço que me tem detido,
Liberto fez de mim ao vosso lado.”

No final do primeiro dos dois versos há a palavra “detido” que se opõe à primeira palavra do segundo verso “Liberto”; no começo do primeiro verso encontramos “Que o mesmo laço (o do diabo)”, opondo-se ao final do segundo verso: “ao vosso lado” (o de Deus). Estes versos foram modificados dos do soneto *A Jesus Cristo Nosso Senhor* de Gregório de Matos e postos no lugar dos de Donne:

“Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.”

um verso sáfico e outro heróico, como nos nossos.

Foram, sempre que possível, usadas figuras típicas do barroco, para que o poema se mostrasse como tal. E este uso não prejudicou a tradução. Quando foi preciso, algum verso foi invertido:

"Qual tirano no cerco a uma cidade,
Eu luto pela vossa usurpação."

ao contrário do literal:

"Eu, como uma cidade usurpada, a um outro devida,
Labuto por aceitar-te, "

todo o resto do soneto é uma tradução mais literal:

"amo-te devotadamente, e gostaria de ser amado
Mas comprometido estou de teu inimigo."

na tradução:

"Se em vosso oposto sou comprometido,
Em vosso amor procuro ser amado,"

no verso: "Não concebo o domínio da Razão", procuro unir o significado do verbo *to reason* (com o sentido de conceber no poema de Donne) com o substantivo *reason* (razão). A passagem:

"Divorcia-me, desata, ou rompa aquele nó de novo.
Leva-me contigo, aprisiona-me"

ficou:

" Que o mesmo laço que me tem detido (aquele nó)
Liberto fez de mim ao vosso lado."

TEIXEIRA F., Afonso. *Donne - Soneto Sagrado XIV*.

Por fim, o acréscimo do vocativo "Senhor", no primeiro verso, serviu para lembrar o de Gregório, no mesmo *A Jesus Cristo Nosso Senhor*:

"Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado"

Referências Bibliográficas

- MILTON, John. *O Poder da Tradução*. Ars Poética, São Paulo, 1993.
- DONNE, John. *Sonetos de Meditação*. Tradução de Afonso Félix de Sousa - Philobiblion, Rio de Janeiro, 1985.
- DONNE, John. *O Poeta do Amor e da Morte*. Tradução de Paulo Vizioli - J. C. Ismael, São Paulo, 1985.
- PAES, José Paulo. *Tradução, A Ponte Necessária*. Aspectos e Problemas da Arte de Traduzir. Ática, São Paulo, 1990.
- GOMES, Aila de Oliveira. *Poesia Metafísica Uma Antologia*. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.
- MATOS, Gregório de. *Poemas Escolhidos*. José Miguel Wisnik, organizador - Cultrix, São Paulo, 1976.